



---

## O *TRACTATUS* DE WITTGENSTEIN E A IMPOSSIBILIDADE DE DIZER PROPOSIÇÕES ÉTICAS

Joálisson Santos dos Reis<sup>1</sup>

Alúisio Miranda von Zuben<sup>2</sup>

**RESUMO:** Estas reflexões têm por objetivo examinar o *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein e, mas especificamente, a sua tentativa de resolver todos os problemas da tradição filosófica que carece de sentido desde a Grécia Antiga. Essa investigação culmina em uma sentença atribuída pelo próprio filósofo: “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”. A proposição sete encerra seu livro, considerado pelo próprio autor como um contrassenso, depois de ter estabelecido uma crítica da linguagem como isomorfia do mundo. O objetivo dessa pesquisa é analisar a sentença da proposição sete como um pressuposto ético da obra, partindo da ontologia à distinção entre o *dizer* e o *mostrar*. A atitude ética permeia a experiência fundamental do *Tractatus* que é a possibilidade de dizer o mundo, como estados de coisas, como as coisas são, e a de calar frente aos seus limites (do mundo, da linguagem e do pensamento). Essa conclusão nos leva ao tema do inefável como possibilidade para se viver uma vida feliz e para descobrir o “sentido da vida”, apesar de Wittgenstein ter concluído em textos posteriores, de que embora a ciência tente resolver todos os problemas do mundo, os da vida ficarão por ser resolvidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Wittgenstein; Ética; Linguagem; Lógica; Proposição.

Apresentaremos neste artigo a estrutura geral do *Tractatus Logico-Philosophicus*<sup>3</sup>, a fim de chegarmos à sentença atribuída às proposições éticas. Adotamos a interpretação que conjuga os resultados da investigação quanto a natureza da lógica da linguagem, bem como seus limites. Pois, é justamente tal investigação que constitui a tarefa principal do *Tractatus*.

---

<sup>1</sup> Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Alúisio Miranda von Zuben. E-mail: joalissonreis2@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e na Faculdade Vicentina (FAVI). E-mail: amvonzuben@yahoo.com.br

<sup>3</sup> WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2008. A obra será referida, neste trabalho, por “TLP”. Para as referências, usaremos apenas o número do aforismo correspondente à citação.

O TLP é fruto do desejo do autor em solucionar os problemas filosóficos que são causados pelo mau entendimento da lógica da linguagem. Esses problemas podem ser resolvidos por meio da significação da linguagem, trançando o limite entre aquilo que pode ser dito com clareza. Uma vez que o papel da filosofia, “é tornar clara a natureza de nossa fala e de nossos pensamentos, assim seus problemas tradicionais serão reconhecidos como contrassensos e conseqüentemente desaparecerão”.<sup>4</sup>

Wittgenstein não se preocupou em ser original, ele não se importava se o que estava escrevendo já tinha sido objeto de análise para outros filósofos, “não quero julgar em que medida é que os meus esforços coincidem com os de outros filósofos. De fato, o que escrevi não contém nenhuma pretensão de novidade”.<sup>5</sup> O autor do TLP apenas faz referência, logo no prefácio de sua obra a Frege<sup>6</sup> e Bertrand Russell<sup>7</sup>, como duas inspirações para seus pensamentos expostos.

O *Tractatus* é uma obra acabada, bem estruturada e com grau de dificuldade elevado. Nela são tratados os principais problemas da tradição filosófica. A tarefa principal que Wittgenstein propõe em sua obra, é explicar como funciona a linguagem e sua relação com o mundo, descrevendo o que são as proposições e no que consiste seu significado.

O primeiro questionamento se refere ao título *Tractatus Logico-Philosophicus*. A ideia de Wittgenstein era chamá-lo de “A proposição”, *Der Satz*, mas por influência de Moore<sup>8</sup>, optou pelo título *Logisch-philosophische Abhandlung*.<sup>9</sup> Acredita-se que Moore teve contato com o *Tractatus Theologico-Politicus* de Spinoza, o que talvez tenha influenciado sua sugestão para a obra de Wittgenstein. Contudo, o título *A proposição*, do ponto de vista argumentativo, proporcionaria maior clareza para o leitor, no que concerne à preocupação fundamental de seu escrito. Entretanto, o título escolhido, com seu caráter enigmático, proporciona certo estranhamento que conduz a uma verdadeira investigação do sentido da obra. Wittgenstein não ficou satisfeito com o título escolhido, mas o aceitou por falta de outro melhor, afirmando que a única razão que justificaria a sua escolha seria a natureza da obra que, cheia de contrassensos mereceria um título igualmente absurdo<sup>10</sup>.

---

<sup>4</sup> GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 29.

<sup>5</sup> TLP, Prefácio, p.28.

<sup>6</sup> *Friedrich Ludwig Gottlob Frege* (1848-1925) foi um filósofo alemão, matemático, lógico, fundador da filosofia da linguagem.

<sup>7</sup> *Bertrand Arthur William Russell* (1872-1970) um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos que viveram no século XX. Foi professor de Wittgenstein.

<sup>8</sup> *George Edward Moore* (1873-1958), filósofo inglês que foi ponta de lança do ataque ao idealismo e um dos grandes expoentes do realismo em todas as formas: metafísico, epistemológico e axiológico.

<sup>9</sup> MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. *Iniciação ao Silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 293.

<sup>10</sup> TLP, Apresentação, p.7.

No prefácio Wittgenstein já apresenta sua conclusão, bem como outros elementos, tais como: seu público alvo - “este livro talvez seja entendido apenas por quem já tenha alguma vez pensado por si próprio o que nele vem expresso”; sua finalidade – “teria alcançado seu fim se desse prazer a alguém que o lesse e entendesse”; o núcleo central do problema abordado – “mau entendimento da lógica de nossa linguagem”; o resumo do sentido do livro; e, por último, o reconhecimento de que a verdade expressa no livro é definitiva e quando se a descobre, muito pouco se alcança com a solução encontrada<sup>11</sup>.

Para uma maior compreensão, Wittgenstein adota um sistema de numeração decimal que indica o peso lógico da proposição atribuída a cada aforismo<sup>12</sup>, que são sentenças escritas em poucas palavras e que determinam, por si próprias, sua significação. O *Tractatus* possui 526 aforismos, divididos entre seis teses, numeradas de “1” a “6” mais a última sentença, resultante de toda investigação.

Para as outras proposições, Wittgenstein utiliza o mesmo sistema de numeração decimal especificando cada um de seus argumentos.

Os decimais que numeram as proposições destacadas indicam o peso lógico dessas proposições, a importância que têm em minha exposição. As proposições n.1, n.2, n.3, etc. são observações relativas à proposição n<sup>o</sup> n; as proposições n.m.1, n.m.2, etc. são observações relativas à proposição n<sup>o</sup> n.m; e assim por diante.<sup>13</sup>

Observamos que as teses principais são marcadas por números inteiros. Nesse sentido, os comentários subordinados a elas são marcados com o número inteiro mais um único decimal (1,1; 2,1; 3,1 etc.) e os pontos subordinados aos comentários da tese são marcados com dois números decimais (1,11; 2,11; 3,11 etc.). Esse é um sistema que o próprio Wittgenstein oferece ao seu leitor. Assim, faremos referência ao *Tractatus* citando apenas o número da proposição abordada.

A estrutura do livro se apresenta por sete teses principais que são as seguintes:

1. O mundo é tudo que é o caso.
2. O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas.
3. A figuração lógica dos fatos é o pensamento.
4. O pensamento é a proposição com sentido.
5. A proposição é uma função de verdade das proposições elementares.  
(A proposição elementar é uma função de verdade de si mesma).
6. A forma geral da função de verdade é:  $[\bar{p}, \bar{\xi}, N(\bar{\xi})]$ .

---

<sup>11</sup> TLP, Prefácio, p.125-127.

<sup>12</sup> CHILD, W. *Wittgenstein*. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 40.

<sup>13</sup> TLP, p. 129.

## 7. Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.

O grupo de proposições da primeira tese tem a função de explicar o mundo como totalidade de fatos; o segundo apresenta a composição dos fatos e as coisas, a independência mútua dos estados de coisas, e o espaço lógico; essas duas primeiras teses tratam da questão ontológica; o terceiro grupo analisa o processo da afiguração; o quarto grupo expõe o tema da significação da linguagem e da proposição com sentido; o quinto grupo aborda o fundamento de verdade das proposições e as operações lógicas; no sexto descreve-se a forma geral da proposição elementar e das proposições complexas. A proposição de número sete é a conclusão de tudo que foi apresentado.

### 1. A Ontologia do *Tractatus*

A primeira proposição do *Tractatus* refere-se à definição de mundo. Segundo Wittgenstein, o mundo é tudo o que é o caso (TLP 1), ou seja, o mundo é tudo o que é. Nesse sentido, “Caso” diz respeito a um fato que está acontecendo, por isso logo em seguida no aforismo 1.1, o filósofo afirma que o mundo é a totalidade dos fatos e não das coisas.

Para compreendermos essa primeira proposição, se faz necessário explicar o que significa “fato” para Wittgenstein. A ideia de “fato” está entrelaçada com o que se entende por “caso”. Dado que há fatos existentes, que são o caso, e há fatos inexistentes, e a existência ou não de um fato não interfere na ideia central de “fatos” como definição de mundo, pois o mundo é a totalidade desses fatos, sejam eles existentes ou não, pois “algo pode ser o caso ou não ser o caso e tudo mais permanecer na mesma”.<sup>14</sup>

Visto que os sete aforismos que fazem parte da estrutura da primeira proposição, além de determinar o que seja o mundo, fundamenta-se naquilo que o autor entende por fatos, que desconsidera do resultado da investigação, a ideia de coisas, pois “o mundo é a totalidade de fatos e não das coisas”.<sup>15</sup> Por ser menos extensa que a proposição 2, a proposição em análise é complementada pelas demais. Nesse sentido analisaremos alguns aforismos da proposição 2 para compreendermos a distinção entre fato e coisa.

Quando falamos em coisas, imediatamente pensamos em objetos sensoriais, que são compostos de outras coisas essenciais para que o objeto seja aquilo que ele é. Dessa

---

<sup>14</sup> TLP 1.21

<sup>15</sup> TLP 1.1

forma, não existe objeto essencialmente simples, tudo é composição de coisas. Não se deve confundir coisa com objeto sensível e também não se deve confundir objeto simples com objeto sensível. No âmbito da experiência somente há estados de coisas, que são complexos de coisas. Devemos pensar “coisa” e “objeto” como noções metafísicas e não empíricas.

Quando Wittgenstein refere-se ao mundo como totalidade de fatos e não das coisas, ele desconsidera de sua afirmação inicial a ideia de “coisa” como algo sensório. Essa afirmação pode ser explicada a partir do aforismo 2.02 no qual ele afirma que o objeto é simples. Dizer que um objeto é simples, significa dizer que a coisa simples é sem partes, não composta. Portanto, compreende-se que sendo a coisa ou o objeto, simples, não podemos percebê-las, pois não fazem parte do mundo, são entidades metafísicas, uma vez que no mundo tudo é composição de coisas.

A ideia central de “fato” começa a ser esclarecida no aforismo 2, “o que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas”. Estados de coisas, por sua vez, é uma ligação de objetos<sup>16</sup>. Vimos anteriormente que, de acordo com Wittgenstein, objetos ou coisas não são empíricos, sensíveis, mas metafísicos. Em contrapartida, “é essencial para a coisa ser parte constituinte de um estado de coisas” para serem perceptíveis. Assim, só percebo a coisa se estiver ligada a um estado de coisas.

Por consequência, ao afirmar que o mundo é a totalidade dos fatos, significa dizer que o mundo é o resultado da composição das coisas, o que ele chama de estados de coisas e que podem ser percebidas no mundo, por isso fazem parte de sua composição. Já a coisa isolada, metafísica, simples, não se pode afirmar o que ela é em essência, porque não fazem parte do mundo. Dessa forma, o mundo é definido como uma totalidade de fatos, que são os estados de coisas existentes, ou seja, o mundo é a totalidade de coisas existentes concatenadas em estados de coisas e não das coisas isoladamente cuja existência é impossível.

A proposição 2 define a ideia de fato como estados de coisas existente. O mundo é totalidade de fatos, ou seja, é a totalidade de relações entre as coisas, que são chamadas estados de coisas. Os fatos, enquanto estados de coisas no mundo, sendo reais é o “caso”, e não sendo reais é “fato”. As coisas são os elementos simples que não fazem parte do mundo simplesmente por serem simples. Assim, elas não podem fazer parte da definição de mundo como totalidade de fatos, apenas a partir dos estados de coisas que compõe a

---

<sup>16</sup> TLP 2.01

realidade, pois “se posso pensar no objeto na liga do estado de coisas, não posso pensar nele fora da possibilidade dessa liga”.<sup>17</sup>

Os objetos ou coisas são os elementos que constituem a substância do mundo<sup>18</sup> que para Wittgenstein, é uma “coisa metafísica”, por isso, não se pode atribuir uma definição específica para a coisa simples. Isso significa que eles são a base imutável e fixa que subsiste independentemente dos fatos (TLP 2.024).

O fato elementar é o estado de coisas existentes. A combinação dos objetos gera os fatos elementares ou estados de coisas existentes.<sup>19</sup> Porém, os objetos não possuem um sentido na medida em que fazem parte da articulação de um estado de coisas. Podemos compreender isso a partir do aforismo 3.142: “só os fatos podem exprimir um sentido, uma classe de nomes não pode”. O objeto é definido como simples, pois ele é a unidade básica capaz de atribuir sentido ao fato. Margutti Pinto compreende da seguinte maneira: “Os objetos são simples não apenas porque as combinações deles geram os fatos elementares, mas também porque a análise deve terminar em algum ponto”.<sup>20</sup>

Pode-se afirmar o seguinte: o mundo é composto por situações. As situações, ou fatos, se decompõem em fatos elementares, que constituem a realidade. Os fatos elementares ainda são complexos na medida em que se estabelecem por estados de coisas. Porém, a análise dos estados de coisas exige uma estruturação lógica de possibilidades, pois chegamos ao elemento simples, isto é, o objeto que possui uma infinidade de coordenadas individuais que contém possibilidades de combinações que criam um fato, na medida em que se combinam as coordenadas dos objetos. O espaço lógico é o âmbito em que todas as coisas simples podem se ligar para formar estados de coisas, uma vez que o espaço lógico possui limites e condições lógicas para formar os estados de coisas.

O espaço lógico é, ao mesmo tempo, também o que nos permite pensar, pois a mesma estrutura dos estados de coisas é figurada no pensamento como um modelo dos fatos, conforme expressado em 3.02: “O pensamento contém a possibilidade da situação que ele pensa. O que é pensável é também possível”.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> TLP 2.0121

<sup>18</sup> TLP 2.021

<sup>19</sup> TLP 2.0272

<sup>20</sup> MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. *Iniciação ao Silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 181.

<sup>21</sup> VON ZUBEN, ALUÍSIO M. *Leibniz, Frege e o Tractatus de Wittgenstein: da dificuldade de notação à transcendentalidade da lógica*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 282 f. Curitiba, 2018 p. 82.

Assim, são estruturados os constituintes fundamentais da noção ontológica do *Tractatus*; os estados de coisas, as coisas, o espaço lógico e a substância do mundo<sup>22</sup>. Os aforismos 2.1 em diante, tratar-se-á da teoria da figuração, que explicaremos mais especificamente no capítulo dois deste trabalho. A proposição que se segue é apenas uma análise dessa teoria como uma tentativa de estabelecer um limite para a significação da linguagem.

## 2. A teoria figurativa

Após a compreensão ontológica do *Tractatus* como uma tentativa de explicar a estrutura do mundo, Wittgenstein detém sua atenção para as reflexões gnosiológicas, à teoria figurativa, ao pensamento e a linguagem como ponto de partida para explicação das proposições éticas, do mundo e da função linguística essencialmente “lógica”.

A Linguagem e o mundo compactuam de uma mesma significação. Não há possibilidade de separar uma da outra, da mesma forma que não se pode conceber o mundo sem linguagem, não se pode separar a linguagem do mundo. Segundo Wittgenstein, quando pensamos em alguma coisa no mundo, estamos pensando em um fato, dado pela linguagem, que por sua vez se estabelece a um estado de coisas, nosso pensamento é uma figuração lógica desse fato (TLP 3) que fazem parte da composição da ideia de mundo e como as proposições que são projeção desses fatos extraídos de nossos pensamentos, logo, as proposições são elas mesmas figuração de fatos lógicos.

Em relação à linguagem, Wittgenstein está preocupado em entender a estrutura lógica comum entre o fato, o mundo e a proposição na linguagem, e para isso é necessária uma forma de afiguração que deve estar fundamentada em teorias geométricas e lógicas, assim ele chega à conclusão da notação lógica, argumento elaborado por Frege, Russell e que é discutido por Wittgenstein no TLP.

Uma representação figurativa é uma possível imagem de uma realidade que existe ou não, como um retrato que representa o objeto por semelhança. Dessa forma, figuração é a imagem na linguagem do fato no mundo. A figuração e o fato devem ser da mesma categoria, devem se submeter às mesmas análises lógicas e nunca pode ser uma coisa ou objeto, mas deve pertencer à categoria dos fatos, sendo ela mesma um fato.<sup>23</sup> A figuração e o fato dever ter igualdade de forma (isomorfia) lógica. Assim, deve haver uma maneira

---

<sup>22</sup> STEGMÜLLER, W. *A filosofia Contemporânea*. Vol. 1. São Paulo: EPU, 1977, p. 412.

<sup>23</sup> TLP 2.141

de afigurar, ou seja, de fazer esse modelo do fato em questão. A figuração deve ter a mesma estrutura interna do fato a ser afigurado.<sup>24</sup>

Para ilustrar essa teoria imaginemos um mapa de uma cidade. Esse mapa é uma ilustração da cidade, e tem por objetivo traçar os limites e as estruturas do seu território, mas é algo muito diferente daquilo que a cidade é. Esse mapa deve ter funções matemáticas e lógicas específicas para tentar representar a realidade. Nesse sentido, deve ter uma forma de afigurar a figuração (o mapa, o modelo). Esse mapa pode ser feito em 3D, colorido ou apenas traçado por linhas. Enfim, há muitas maneiras de afigurar a cidade.

A figuração repousa sobre um paralelismo rigoroso que deve existir entre a proposição e o fato por ele descrito. Esse paralelismo deve ser explicado unicamente por termos lógicos, tendo em vista a recusa de Wittgenstein por qualquer tipo de psicologismo.

À lógica é atribuída uma atenção especial nessa proposição ao que concerne a linguagem porque ela cria esse mapa estrutural onde ocorrem as figurações. Assim, Deus poderia criar tudo, exceto o que contrariasse as leis lógicas.<sup>25</sup> Isso porque o mundo é a totalidade dos fatos e um pensamento de modo ilógico seria um contrassenso, pois o mundo está afigurado pela linguagem, e essa afiguração da realidade, do mundo, dos estados de coisas reais se dá mediante proposições simples ou complexas, uma vez que o mundo está submetido às leis lógicas.

No viés linguístico, a totalidade das proposições é a linguagem. As proposições complexas são compostas de proposições elementares e estas são compostas de signos simples ou nomes. Pode-se traçar o seguinte paralelo:

Mundo → Linguagem

Fatos Complexos → Proposições Complexas

Fatos Elementares → Proposições Elementares

Objetos Simples → Signos Simples (nome)

Aqui é válido ressaltar a distinção entre proposição e signo. A proposição figurada é um modelo da realidade<sup>26</sup> porque seu objetivo é representar proporcionalmente o mundo, de fazer uma ligação com a realidade, ao representar a possibilidade de existência ou da

---

<sup>24</sup> STEGMÜLLER, W. *A filosofia Contemporânea*. Vol. 1. São Paulo: EPU, 1977, p. 413.

<sup>25</sup> TLP 3.031

<sup>26</sup> TLP 2.12



não existência de estados de coisas.<sup>27</sup> Ela traça um limite no mundo dos fatos, isto é, na realidade delimitada logicamente pelos limites da linguagem. Na proposição, o pensamento exprime-se de maneira sensivelmente perceptível (TLP 3.1).

Com efeito, na linguagem descrevemos proposições que podem verdadeiras ou falsas, essas proposições descrevem fatos (na linguagem) que podem ser constatados. Essa constatação se dá por meio de sinais lógicos, entendimentos mais facilmente por meio da gramática lógica. Esses sinais são perceptíveis, porque é um sinal escrito da proposição, é o material que sensivelmente é visualizado.

Se a proposição figurada é um modelo da realidade, o sinal é o que representa o nome da coisa na proposição, pois só na proposição tem seu sentido; é só no contexto da proposição que um nome tem significado.<sup>28</sup> O sinal isolado da proposição não pode exprimir um significado porque se encontra em um âmbito de vazio, o sinal pelo sinal não diz nada, ele é primitivo na medida em que está vinculado a uma proposição com sentido.

Para reconhecer o símbolo no sinal, ou seja, na proposição, além de reconhecer logicamente o que está sendo expresso, deve-se atentar para o uso do significado. Uma vez que um sinal pode expressar dois significados. O não atentar-se a esse detalhe recai sobre os problemas que são causados na filosofia pelo mau uso da linguagem.

Na proposição “Rosa é rosa” – onde a primeira palavra é um nome de pessoa, a última é um adjetivo – essas palavras não têm simplesmente significados diferentes, mas são símbolos diferentes<sup>29</sup>. Assim nascem facilmente as confusões mais fundamentais (de que toda a filosofia está repleta).<sup>30</sup>

Dessa forma, um fato só é figurado quando ganha sentido. E para ter sentido é necessário à substituição de todos os seus elementos, dos signos que a compõem, por aquilo que a nomeia, “só fatos podem exprimir um sentido, uma classe de nomes não pode”.<sup>31</sup> Todavia, a figuração só é eficaz a partir das relações entre nomes e coisas com capacidade de substituir o fato figurado.

Assim, toda linguagem para ser significativa, necessariamente precisa descrever fatos. Dessa maneira, só deve haver um limite traçado para a teoria da figuração, uma vez que só se pode afigurar aquilo que é alcançado pela linguagem, de outra forma, a figuração é uma contradição.

---

<sup>27</sup> TLP 2.201

<sup>28</sup> TLP 3.3

<sup>29</sup> TLP 3.323

<sup>30</sup> TLP 3.324

<sup>31</sup> TLP 3.142

Portanto, a ética, as questões que não se limitam à ciência ultrapassam os limites da linguagem, da lógica e do mundo enquanto totalidade dos fatos, porque seu sentido está fora do mundo, as proposições não podem exprimir conceitos metafísicos, apenas o mundo como ele é, e não como deveria ser. Essas questões serão retomadas no aforismo 4, no qual Wittgenstein após afirmar que “a figuração lógica dos fatos é o pensamento” (TLP 3), define o “pensamento como uma proposição com sentido” (TLP 4).

Igualmente a proposição anterior (3), na qual afirma que a figuração lógica dos fatos é o pensamento, Wittgenstein retoma o tema da figuração conceituando o pensamento como uma proposição com sentido (4) a partir de uma relação linguagem-mundo como sendo inseparáveis da descrição das proposições. A proposição é uma imagem da realidade, ela é um modelo da realidade tal como nós a pensamos.<sup>32</sup> A figuração se realiza a partir de uma relação afiguradora (ou espelhar) entre as coordenadas e entre os nomes e os objetos correspondentes, ou ainda como explica o autor do *Tractatus*: “estas correlações são como as antenas dos elementos da imagem, com as quais a imagem toca a realidade”.<sup>33</sup>

A relação existente entre linguagem-mundo corresponde à necessidade do mundo em ser descrito pela linguagem. A linguagem é o conjunto de todas as sentenças possíveis.<sup>34</sup> O mundo é a totalidade dos fatos.<sup>35</sup> Logo, podemos estabelecer um paralelo para começar a compreender a isomorfia tractatiana, embora Wittgenstein não tenha adotado esse termo em sua obra. As proposições descrevem um estado de coisas específico no mundo, como podemos compreender na proposição 4.023. “A proposição é a descrição de um estado de coisas”. Dessa forma, a proposição é composta por nomes que pela linguagem substitui as coisas, sendo que a configuração dos nomes que se encontram unidos entre si na proposição é a mesma configuração dos objetos unidos entre si no estado de coisas.<sup>36</sup> Por conseguinte, a proposição 4.01 afirma a linguagem como “*bild*” da realidade.

Levando em consideração o que foi apresentado anteriormente, chega-se a conclusão que todo fato existente a partir de um estado de coisas está submetido à análise linguística. Assim, o isomorfismo presente acontece quando a estrutura dos nomes está ligada verdadeiramente em relação à estrutura do objeto, em outras palavras, quando o nome simples corresponde ao objeto no estado de coisas.

---

<sup>32</sup> TLP 4.01

<sup>33</sup> TLP 2.1515

<sup>34</sup> TLP 4.001

<sup>35</sup> TLP 1.1

<sup>36</sup> TLP 3.21

Nesta tarefa de compreender a veracidade da figuração em relação à proposição e o fato recorreremos à análise explicativa de Stegmüller, a fim de elucidar a análise lógica das proposições da linguagem como método filosófico:

[...] uma figuração verdadeira representa um fato; uma figuração falsa não representa, em verdade, um fato, mas um possível estado de coisas (algo que poderia ser um fato). Que se trata dum possível estado de coisas, percebe-se pela estrutura externa da figuração. No conceito de pura possibilidade de um estado de coisas nada há, por conseguinte, de misterioso; poderíamos dizer *que modo de ser de um estado de coisas puramente possível consta de sua representabilidade por uma configuração*.<sup>37</sup>

Percebe-se que, conforme o autor, o valor de verdade da proposição lógica é resultado da ligação entre a linguagem e o fato, uma vez que, não sendo provada a verdade dessa ligação por meio do signo, não teremos um fato, apenas uma possível existência de um estado de coisas. Todavia, podemos observar que as proposições da linguagem descrevem somente como são os fatos, em outras palavras, mostram como as coisas são se for verdadeira.

A teoria da figuração apresentada no *Tractatus* por meio da análise lógica do pensamento procura estabelecer um limite entre aquilo que pode ser dito e aquilo que nada podemos dizer. A estrutura lógica da linguagem é utilizada por Wittgenstein para estabelecer as condições necessárias que uma proposição deve cumprir para afirmar algo sobre o mundo e no mundo. Não possuindo as condições necessárias para tal afirmação, as proposições contraditórias se tornam absurdas porque ultrapassam os limites do dizível, pois uma abordagem tautológica da proposição com sentido deve se render aos limites da linguagem.

Dessa forma, o objetivo da filosofia é tornar clara as proposições, de fazer um esclarecimento lógico dos pensamentos<sup>38</sup> para evitar mau uso da linguagem em decorrência do mau uso da comunicação. Ela deve utilizar dos pensamentos mais robustos existentes e torna-los claros e delimitados<sup>39</sup>, pois seu objetivo é limitar o pensável, o dizível, o que de certa forma estará delimitando as questões éticas.<sup>40</sup>

O papel da filosofia só terá êxito a partir do momento em que a proposição, sendo verdadeira, *mostra* seu sentido, logo, não havendo verdade, ela apenas *diz* o sentido da coisa.<sup>41</sup> O papel da proposição é ser comunicação do fato pela linguagem com o objetivo final de atribuir uma sentença determinada à proposição.

---

<sup>37</sup> STEGMÜLLER, W. *A filosofia Contemporânea*. Vol 1. São Paulo: EPU, 1977, p. 416.

<sup>38</sup> TLP 4.112

<sup>39</sup> TLP 4.1121

<sup>40</sup> TLP 4.114

<sup>41</sup> TLP 4.022

Sendo assim, no aforismo 4.5 Wittgenstein vai afirmar a forma geral da proposição: “as coisas estão assim”, resumindo o papel da figuração lógica em dizer apenas como as coisas são e não o que elas devem ser. Por consequência, a linguagem é, para o filósofo do *Tractatus*, a totalidade das proposições, as quais são formações de signos de sentido, assim, “uma sequência de signos constitui uma proposição dotada de significado, capaz de afigurar verdadeira ou falsamente a realidade que se exprime em um pensamento”.<sup>42</sup>

O objetivo da apresentação dessa tese foi abordar brevemente a teoria da figuração por meio da verificação lógica do pensamento. Os aforismas que se referem à crítica da linguagem e a distinção entre *dizer* e *mostrar*, serão percorridos mais detalhadamente no capítulo dois deste trabalho, pois estamos falando do principal argumento apresentado por Wittgenstein para compreensão das suas proposições éticas-metafísicas que transcendem os limites da linguagem.

### **3. O valor de verdade das proposições**

Que uma proposição é uma figuração da realidade isso não é novidade para nossa interpretação e leitura do *Tractatus*. Outro aspecto que é válido ressaltar para compreensão dessa proposição é a veracidade das proposições, ou seja, para Wittgenstein é necessário que as proposições tenham um valor de verdade determinado, ou são verdadeiras - decretadas a partir de uma linguagem lógica como tautologia, ou são falsas - definidas como uma contradição.

Em relação às proposições complexas é inconcebível atribuir valor de verdade para um resultado da análise determinada como contingência, pois caso essa determinação fosse possível, não haveria veracidade da proposição, assim não poderia ser classificada dentro dos limites da linguagem. Ou uma proposição é uma figuração da realidade ou não é. Não existe figuração de partes de um fato, mas sim da sua estrutura completa, somente dentro desse limite é que podemos atribuir valores de verdade ou falsidade.

De acordo com Wittgenstein, o fato de estabelecer essa regra é justamente por causa da estrutura das proposições, que segundo ele, são funções de verdade de proposições elementares<sup>43</sup>, pois de uma proposição podemos julgar todas as proposições que dela possam ser provenientes, uma que o valor de verdade dessa proposição resulta do valor de verdade das proposições elementares.

---

<sup>42</sup> GLOCK, Hans- Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 288.

<sup>43</sup> TLP 5

Para explicar tal argumento, Wittgenstein inventou o “método das tabelas de verdade”<sup>44</sup> com o objetivo de demonstrar que o mundo e a linguagem, a partir de uma perspectiva lógica, devem possuir conexões entre eles. Usando uma linguagem simbólica tentaremos explicar o sentido atribuído à proposição. Uma vez que as proposições possuem como forma lógica a função de verdade<sup>45</sup>.

O seguinte simbolismo (“p”, “q”, “ $\rightarrow$ ”, “ $\wedge$ ” e assim por diante), extraído de uma proposição qualquer, a partir de uma concatenação de nomes, são conectivos lógicos que servem como modelo para expressar a construção de uma proposição. Assim, ao dizer a proposição “ $p \rightarrow q$ ”, posso conceder valores as proposições elementares extraídas da proposição complexa, em outras palavras, “p” e “q” são as proposições elementares que atribuíram valores para a veracidade da proposição complexa, ou seja, independente do valor de cada uma dessas proposições que podem ser contingentes (verdadeira ou falsa), por necessidade lógica, o resultado da proposição complexa será sempre verdadeiro. Wittgenstein não atribui nenhuma dessas formas no *Tractatus*, mas isso serve como exemplo.

Assim, a lógica a partir dessa proposição culmina em um viés transcendental, uma vez que ela transpassa os limites do mundo, transpassando também os seus próprios limites<sup>46</sup>. Em suma, a análise lógica sobre o mundo, como “meu mundo”<sup>47</sup> é também a análise lógica da linguagem, porque a lógica permite a organização das possibilidades tanto na linguagem como nos fatos, porém o determinismo só existe na lógica e não no mundo. Perspectivas essas que determinam a ontologia tractatiana em um viés lógico-transcendental.

Tendo se valido da explicação ao que se refere à transcendentalidade da lógica, procuraremos compreender a forma geral da função verdade através das explicações do Russell na introdução do *Tractatus* como resultado das teses 4 e 5 e dos aforismos explicativos.

Ao escrever uma obra que conduziu Wittgenstein para a filosofia (*Principia Mathematica*), Russell tornou-se uma das suas mais importantes influências, apesar de terem entrado em discordância em relação a algumas teorias, o que não é uma surpresa quando estamos fazendo referência aos escritos dos grandes filósofos. Wittgenstein não

---

<sup>44</sup> STEGMÜLLER, W. *A filosofia Contemporânea*. Vol 1. São Paulo: EPU, 1977, p. 421.

<sup>45</sup> TLP 5.22

<sup>46</sup> TLP 5.61

<sup>47</sup> TLP 5.63

se admirou muito da teoria dos tipos do seu professor, mas ficou entusiasmado, de maneira particular com sua teoria das descrições, como descrito por Margutti Pinto, “trata-se realmente de um exemplo brilhante de análise, que revela a verdadeira forma lógica das sentenças que contém descrições definidas na posição de sujeito gramatical”.<sup>48</sup>

De acordo com Russell, o principal objetivo da obra do senhor<sup>49</sup> Wittgenstein foi promover uma estruturação formal para a linguagem, para que esta seja capaz de representar, através de proposições, os fatos ou estados de coisas. A lógica como um mapa conceitual do mundo serve de base de apoio para a linguagem formal tractatiana.

No prefácio do *Tractatus*, Russell sugere a seguinte explicação:

$$[\bar{p}, \bar{\xi}, N(\bar{\xi})]$$

A explicação desse símbolo é a seguinte:

$\bar{p}$  representa todas as proposições atômicas.

$\bar{\xi}$  representa um conjunto qualquer de proposições.

$N(\bar{\xi})$  representa a negação de todas as proposições que constituem  $\bar{\xi}$ .

(...) O que quer dizer é algo menos complicado do que parece. Pretende-se que o símbolo descreva um processo por meio do qual, dadas as proposições atômicas, todas as demais possam ser manufaturadas.<sup>50</sup>

Para que o processo seja eficaz e corresponda ao objetivo proposto por Wittgenstein, é necessário compreendermos três pontos fundamentais que são apresentados por Russell ainda na Introdução: o primeiro ponto refere-se à prova de Sheffer, de que todas as funções de verdade podem ser obtidas a partir da negação de todas as proposições. O segundo ponto que se deve levar em consideração é a teoria de Wittgenstein sobre o étimo das proposições gerais a partir de conjunções e disjunções. E por fim, a conclusão de que uma proposição só pode ocorrer em outra como fundamento em uma função verdade.

De acordo com Russell, se as proposições elementares podem ser derivadas das proposições complexas, logo, deve haver uma forma notacional pelo qual podemos formar proposições complexas a partir de proposições elementares. Essa forma existe e Wittgenstein chama de “forma geral da função verdade” (TLP 6). Sabemos que dessa

---

<sup>48</sup> MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. *Iniciação ao Silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 133.

<sup>49</sup> Termo atribuído a Wittgenstein por Russell.

<sup>50</sup> TLP, p. 114.

fórmula pode-se gerar todas as proposições complexas possíveis, uma vez que todas as proposições da linguagem são proposições tautológicas das proposições elementares. Portanto, se tomarmos um conjunto qualquer de proposições elementares, pode-se construir finidades de outras proposições. Assim, a forma geral de todos os sentidos proposicionais possíveis pode ser expressa por meio do aforismo 6.

O objetivo principal de Wittgenstein é demonstrar a possibilidade de descrever fatos e ter em tese uma linguagem que descreveria toda a realidade. A forma geral da proposição determina por sua vez os limites da linguagem, na medida em que determina as proposições com sentido.

Proposições só podem afirmar fatos, os fatos em sua totalidade é a realidade e nós podemos construir na linguagem modelos desses fatos que são as proposições em função de igualdade de forma lógica entre o fato e a proposição. Os fatos se organizam pela ligação de coisas simples, coisas metafísicas. A atitude de Wittgenstein perante o que não pode ser dito é bastante clara: “sobre aquilo que não pode falar deve-se calar” (TLP 7).

O que pode ser dito são as proposições elementares, que figuram logicamente o mundo. Essas proposições são chamadas significativas ou com sentido. São aquelas que respeitam a figuração lógica, pois, sua função é descrever os fatos do mundo. Existem também as proposições da lógica, que na realidade nada dizem. Um terceiro grupo de proposições são aquelas chamadas de “contrassentido”, ou “contrassensos”, ou seja, são todas as proposições que, não descrevendo fatos – nem possíveis, nem atuais – se comportam, todavia como se estivessem, incorrendo em uma infração à forma lógica de figuração que se revela no mundo e na realidade.

Nesse terceiro grupo das proposições encontram-se os temas filosóficos que, na tentativa de dizer aquilo que não pode ser dito, infringem os domínios lógicos da linguagem e expressam absurdos conceituais destituídos de sentido.

Porém, todos esses argumentos possibilitam olhar para a própria construção do TLP que, na sua tentativa de resolver os problemas da linguagem, cai no mesmo erro que ele condena. As proposições tractatianas também se configuram como contrassensos. São conceitos absurdos destituídos de sentido, pois revela a estruturação lógica da realidade, da linguagem e de seu interior, o místico.

Por fim, tendo percorrido toda escada estrutural do TLP, Wittgenstein afirma essa normativa pelo motivo de não pode dizer nada que ultrapasse os limites do dizível, nada sobre questões éticas, religiosas, porque elas ultrapassam os limites da linguagem, seu verdadeiro sentido não está no mundo e sim fora do mundo, “o mundo tudo é como é, se

houvesse valor no mundo, o valor não teria valor”.<sup>51</sup> Essa tese é, portanto, um estatuto que define assim a transcendentalidade da lógica e da ética.

Uma obra de filosofia sempre possui pretensões de solucionar totalmente ou em parte um problema específico. Wittgenstein encerra com o TLP todas as discussões filosóficas, tanto as passadas quanto as futuras. Ele cria um sistema linguístico onde os limites da linguagem, do mundo e do pensamento revelam a existência de algo para além das barreiras físicas do mundo, aquelas que não podem ser ditas. A lógica e a ética são as duas instâncias que diferenciam o âmbito do *dizer* e do *mostrar*. O próximo passo é analisar de maneira mais profunda os aforismos que fundamentam objetivo principal da própria obra, que segundo Pinto é a “realização da tarefa ética de descobrir o sentido da vida”.<sup>52</sup> Para isso, iremos ressaltar os seguintes elementos: a distinção entre o *dizer e o mostrar - fundamentado na teoria da figuração, linguagem, lógica, ética e mística*.

## **Conclusão**

Compreender o TLP como uma obra que impossibilita afirmar proposições éticas, significa apontar o caminho que deve ser traçado pelo iniciado para que ele possa alcançar o objetivo da obra, ou seja, o dever ético interior de vivenciar silenciosamente a vida do espírito. Desta forma, o primeiro passo deste trabalho foi o de caminhar pela dimensão da linguagem como exercício lógico de descrição do mundo.

O *Tractatus* é um mapa que orienta para os limites do mundo, da linguagem e do pensamento. Da crítica da linguagem resultam como sendo as únicas proposições possíveis de terem sentido aquelas que se referem às ciências naturais, pois estas figuram o mundo, na medida em que possuem uma mesma *forma lógica*. Os fatos possíveis e existentes não possuem qualquer valor, pois os valores não estão no mundo, nem nas proposições da linguagem. Desta forma, a ética, a estética e a religião, enquanto detentoras de valores, não fazem parte da realidade e, por isso, não podem ser ditas.

Essa impossibilidade da linguagem em dizer as proposições éticas, estéticas e religiosas, não significa que elas não existam, mas que não estão no mundo como fatos, estão “fora” do mundo, são transcendentais, assim como a lógica, enquanto condição de possibilidade do mundo e da vida. O homem, enquanto sujeito metafísico, não pertence

---

<sup>51</sup> TLP 6.41

<sup>52</sup> MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. *Iniciação ao Silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 293.



aos acontecimentos do mundo, ele se situa em seu limite e, desta forma, pode distinguir entre aquilo que pode ser dito e aquilo que deve ser mostrado. Quando ele contempla os limites do mundo, que coincidem com os limites da linguagem e por sua vez dos seus pensamentos, então consegue realizar esta tarefa de purificação lógica da linguagem que se caracteriza como função própria da atividade filosófica.

## Referências

CHILD, W. *Wittgenstein*. Porto Alegre: Penso, 2013.

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GRAYLINIG, A. C. *Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 2002.

JANIK, Allan; TOULMIN, Stephen. *A Viena de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. *Iniciação ao Silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998.

STEGMÜLLER, W. *A filosofia Contemporânea*. 1. v. São Paulo: EPU, 1977.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

ZUBEN, ALUÍSIO M. VON. *Leibniz, Frege e o Tractatus de Wittgenstein: da dificuldade de notação à transcendentalidade da lógica*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 282 f. Curitiba, 2018.